



Oportunidades no mercado russo

Thais Menezes Zimbres* e Sílvia H. G. de Miranda**

Em 2005, a Rússia ocupou o terceiro lugar no ranking dos maiores importadores mundiais de carne bovina, consumindo um total de 2,2 milhões de toneladas em equivalente-carcaça. Também foi o primeiro comprador mundial de carne de frango e o segundo de carne suína (dados preliminares do USDA). Com uma população de 143,5 milhões de habitantes (Federal State Statistics Service, 2005), pode-se estimar um consumo anual *per capita* de cerca de 15Kg de carne bovina.

Em comparação com os outros tipos de carnes exportadas para a

Rússia, a carne bovina apresenta excelente desempenho ao longo dos anos, com taxas de crescimento bastante superiores às demais, inclusive, em períodos em que estas apresentaram redução nas vendas.

Os casos de febre aftosa e outras crises sanitárias ocorridas em importantes países produtores e exportadores contribuíram para conquistar novos mercados e elevar as vendas do produto brasileiro em mercados já estabelecidos, como no caso da Rússia. Ademais, as vantagens comparativas em termos de disponibilidade de fatores e de custos de pro-

dução competitivos, as ações para controle sanitário dos rebanhos, o marketing setorial e as políticas de agências governamentais de apoio às exportações contribuem para a promoção da carne bovina brasileira no exterior, aumentando as vendas ano após ano.

ENTRAVES

A Rússia adota o sistema de cotas tarifárias como um de seus instrumentos de política comercial, por meio do qual são estipulados limites de importação para um produto. Dentro desse limite, os produtos importados estão sujeitos a uma determinada tarifa e, acima dele, deve-se pagar uma tarifa maior. No caso da carne bovina, esse sistema se aplica às carnes congeladas, frescas e refrigeradas.

Desde a repartição dos direitos à importação de carnes dentro do sistema das cotas tarifárias, no final de 2003, que favoreceu principalmente União Européia e Estados Uni-

Brasil: exportação de carnes para a Rússia

Ano	Carne de frango		Carne suína		Carne bovina	
	Toneladas	Crescimento	Toneladas	Crescimento	Toneladas	Crescimento
2000	0	-	23.274	-	20.766	-
2001	2.321	-	151.964	553%	96.946	367%
2002	39.899	1619%	377.099	148%	295.919	205%
2003	85.380	114%	313.940	-17%	201.715	-32%
2004	159.853	87%	288.129	-8%	192.944	-4%
2005	303.686	90%	404.739	40%	258.187	34%

Fonte: MDIC/SECEX/ALICEWEB.

dos, em troca do compromisso de apoio à entrada da Rússia na OMC, o Brasil negocia constantemente para conquistar maiores fatias desse mercado.

Entretanto, as possibilidades brasileiras vão muito além, uma vez que as cotas foram estabelecidas de acordo com a média das exportações, entre os anos de 1999 e 2001, quando as vendas do Brasil para a Rússia ainda não eram expressivas. Como a adoção das cotas não é plena, ou seja, o sistema de cotas tarifárias permite que sejam importados volumes superiores ao limite, desde que sujeitos a uma tarifa mais alta, as exportações efetivas do Brasil são superiores àquelas determinadas pelo sistema russo. Isso por-

Rússia apresentam taxas de crescimento anuais bastante elevadas.

QUESTÕES SANITÁRIAS

A sensibilidade às questões sanitárias também é uma característica que deve ser levada em conta no desempenho exportador brasileiro. Em 2004, o governo da Rússia suspendeu por duas vezes todas as importações de carne do Brasil. A primeira ocorreu depois de confirmação de um foco de febre aftosa no rebanho bovino no município de Monte Alegre, no Pará e, posteriormente, no município de Careiro da Várzea, no Amazonas - ambos sem autorização para exportação, por estarem localizados em áreas de risco, ou seja, ain-

da não reconhecidas como livres de febre aftosa.

O primeiro embargo aconteceu em meados de junho e vigorou por doze dias, enquanto o segundo em-

vina *in natura* do Brasil, importando cerca de 294.653 toneladas deste produto, correspondentes a US\$ 555,3 milhões F.O.B. (MDIC, 2005). Estes números representam 27% e 23% na pauta de exportações de carne bovina *in natura* para todos os países, respectivamente, e cerca de 97% e 98% do total de carne bovina exportada pelo Brasil para a Rússia.

Cabe destacar que, dentre as carnes *in natura* exportadas para a Rússia, as de maior participação são as desossadas congeladas, que respondem por quase 97% das exportações totais de carne bovina para este país (em volume).

Os últimos dados reportados pela Rússia às Nações Unidas se referem ao ano de 2004, quando foram importadas um total de 510.949 toneladas a US\$687,96 milhões (C.I.F.) de carne *in natura*. O Brasil foi o maior fornecedor deste produto, com uma participação percentual nos valores importados de cerca de 25%, seguido pela Ucrânia, Argentina e Alemanha, com cerca de 24%, 15% e 8,5%, respectivamente. Em termos de volume, o Brasil também ocupou o primeiro lugar, respondendo por aproximadamente 29%, bem à frente da Argentina (16,45%), Ucrânia (15,36%) e Alemanha (9,02%).

Em relação às vendas de miúdos, em 2004 foi importado um total de 42.418 toneladas a US\$ 26,85 milhões - C.I.F. (Nações Unidas, 2004). O Brasil foi o segundo maior fornecedor, com uma participação percentual, em volume, de 15%, seguido pela França, Dinamarca e Alemanha. O maior fornecedor de miúdos foi a Austrália, com 25%. Em 2004, não houve importações de carne salgada do Brasil pela Rússia, e os valores das carnes industrializadas foram muito pouco significativos.

A evolução das exportações brasileiras para a Rússia entre 1996 e 2005, em volume e em valor, também surpreende. De 1996 até 1999, apenas as carnes industrializadas eram exportadas, mais especificamente os enchidos de carne, miudezas, sangue e suas preparações alimentícias. Contudo, estes volumes

Rússia: cotas de importação (mil t)

Países	2004	2005	2006	2007	2008	2009
União Européia	331,8	339,7	343,7	347,6	351,6	355,5
Estados Unidos	17,2	17,7	17,9	18,1	18,3	18,5
Paraguai	3	3	3	3	3	3
Outros países	68	69,6	70,4	71,3	72,1	73
Total	420	430	435	440	445	450

Fonte: USDA, 2005.

Rússia: tarifas de importação

	2006	2007	2008	2009
Tarifa intra-cota	15% e não menos que 0,15/kg	15% e não menos que 0,15/kg	15% e não menos que 0,15/kg	15% e não menos que 0,15/kg
Tarifa extra-cota	55% e não menos que 0,55/kg	52,5% e não menos que 0,53/kg	50% e não menos que 0,50/kg	40% e não menos que 0,40/kg

Fonte: USDA, 2005.

que, dados problemas sanitários e a não utilização do total das cotas por determinados países, existe a possibilidade de o importador obter permissão para comprar carne de outros fornecedores.

No final de 2005, a Rússia divulgou os novos números do sistema de cotas tarifárias, que deverão prevalecer até 2009. Observa-se o aumento gradual dos limites de importação paralelamente à redução das tarifas extracota. Entretanto, estes números ainda são bem inferiores ao total efetivamente exportado pelo Brasil ao longo dos anos, especialmente quando se considera que as vendas de carne bovina para a

bargo, iniciado no dia 20 de setembro, só chegou ao fim no início do mês de março de 2005. Em ambos, os argumentos técnicos para a manutenção dos embargos a todo o território nacional não convenceram as autoridades brasileiras, inclusive, por divergirem das orientações do Escritório Internacional de Epizootias (OIE), que é o órgão de referência científica para as questões de sanidade animal na Organização Mundial do Comércio (OMC).

PERFIL DO COMÉRCIO

A Rússia se caracteriza por ser o maior país comprador de carne bo-

foram muito pouco significativos. No ano 2000, não houve vendas para esse país, e a partir de 2001, as taxas de crescimento das exportações de carne bovina para a Rússia apresentaram valores significativos, como demonstra a figura ao lado.

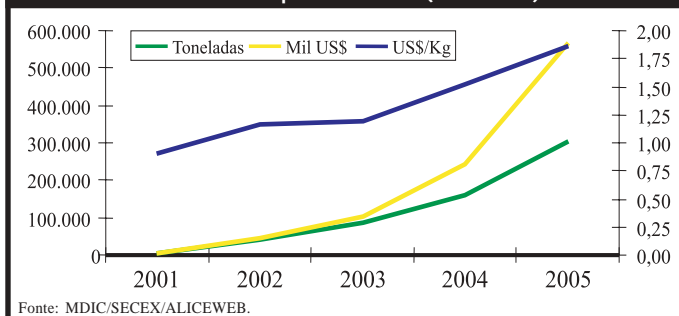
O desempenho dos preços médios de exportação nos últimos cinco anos também foi satisfatório, especialmente quando se tem em vista que o perfil de produto exportado não se alterou. No ano 2001, a média de preços era de US\$0,91/Kg, evoluindo para US\$ 1,53/Kg em 2004 e US\$ 1,87/Kg em 2005.

A análise dos índices de sazonalidade revela que as exportações de carne bovina para a Rússia se intensificam em maio e se concentram principalmente entre julho e novembro, quando alcançam o maior volume de vendas. Esse fato permite uma comparação interessante do ponto de vista das estratégias comerciais de exportação de carne bovina. As exportações de carne *in natura* brasileira para a União Européia (UE) se concentram nos meses de março a julho, alcançando maior volume de vendas nos meses de junho e julho, segundo estudo de Miranda (2001). Assim, se conclui que estes dois grandes importadores de carne bovina brasileira têm o auge de seus embarques em períodos não coincidentes. Quanto à sazonalidade dos preços médios de exportação para a Rússia, esta apresenta pouca variação ao longo dos meses do ano, apre-

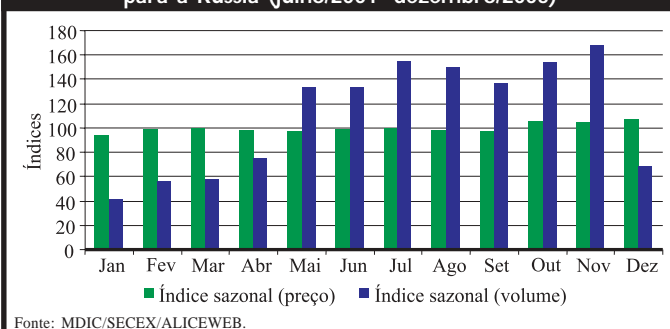
sentando valores ligeiramente mais elevados em dezembro, um dos meses com menores vendas, resultado semelhante também ao que foi encontrado por Miranda (2001) para a UE.

A participação crescente da Rússia no total das vendas

Evolução das exportações brasileiras de carne bovina para a Rússia (2001-2005).



Índice de sazonalidade para os volumes e os preços das exportações de carne bovina brasileira para a Rússia (julho/2001- dezembro/2005)



brasileiras de carne se deve ao fato de as taxas de crescimento das exportações de carne bovina para a Rússia serem muito superiores às das vendas totais do produto. Para o ano de 2002, por exemplo, a variação, em volume, das exportações para a Rússia foi de 1619%, enquanto a das exportações do Brasil para todos os países foi de apenas 18%. No ano seguinte, atingiram 114% e 36%; em 2004, 87% e 44%; e em 2005, 90% e 17%, respectivamente.

Desse modo, também é possível entender as participações crescentes das exportações de carne para a Rússia no total exportado pelo Bra-

sil. O ano de 2005 se destaca por dois motivos: primeiro, porque essa participação chegou a 21,2% em volume e 18,3% em valor, e segundo porque em relação ao ano anterior houve um salto nessa participação.

RESULTADOS FAVORÁVEIS

A despeito das políticas comerciais adotadas pela Rússia para o mercado de carne bovina, caracterizadas principalmente pelo uso das cotas tarifárias e das barreiras sanitárias, e, a despeito, em particular, da pequena parcela destinada dessa cota ao Brasil e da grande reatividade desse país aos eventos sanitários, que, em alguns momentos caracterizaram um relacionamento comercial complexo, ao longo dos últimos anos, a Rússia vem apresentando importância crescente para o setor exportador de carne bovina brasileira. Esta é uma indicação forte da competitividade desse setor.

É importante ressaltar também que o questionamento desse sistema comercial e seus resultados somente serão mais efetivos quando da admissão da Rússia na Organização Mundial do Comércio (OMC). Atualmente, é necessário superar os limites impostos pelas cotas, seja por meio de propostas alternativas envolvendo outros interesses comerciais e políticos ou, pelo aproveitamento de oportunidades abertas devido a problemas em países concorrentes. Além disso, é essencial man-

Participação percentual das exportações brasileiras de carne bovina para a Rússia

Ano	Toneladas			Mil US\$		
	Total exportado pelo Brasil	Total exportado para a Rússia	%	Total exportado pelo Brasil	Total exportado para a Rússia	%
2001	533.471,57	2.321,05	0,4	1.031.109,31	2.108,04	0,2
2002	626.859,04	39.899,12	6,4	1.118.234,15	46.610,75	4,2
2003	851.826,50	85.380,13	10,0	1.562.187,47	102.226,28	6,5
2004	1.224.320,76	159.853,32	13,1	2.534.694,08	244.029,50	9,6
2005	1.432.603,32	303.686,32	21,2	3.103.402,63	567.175,03	18,3

Fonte: MDIC/SECEX/ALICEWEB.

ter uma vigilância rigorosa, principalmente, quanto ao atendimento das exigências sanitárias que podem, eventualmente, se configurar como barreiras às exportações brasileiras para a Rússia.

Os resultados favoráveis da balança bilateral da carne bovina, entre Brasil e Rússia, estão contextualizados em um ambiente internacional e nacional, que tem, de modo geral, beneficiado as exportações desse produto. Estes resultados têm atingido basicamente as carnes *in natura* congeladas, cujos valores médios se elevaram nos últimos anos e cujos volumes ultrapassaram, inclusive, as cotas impostas. Os desafios para melhorar ainda mais este comércio consistem justamente em reduzir as barreiras comerciais e ampliar essa pauta para os produtos frescos e refrigerados, mais valorizados no mercado internacional.

Por fim, o desempenho crescente das vendas para o mercado russo não deve ser visto como um fato isolado, uma vez que se relaciona aos esforços de diversificação dos mercados compradores do produto, à complementaridade das políticas públicas e privadas de apoio às exportações, ao equacionamento dos problemas sanitários, às inovações e diferenciações dos produtos e aos investimentos em novas técnicas de manejo do rebanho e processamento, que aumentam a produtividade e a qualidade do produto final. Este conjunto de medidas garante não apenas a consolidação desse mercado, mas, sobretudo, a conquista da fidelidade dos consumidores que desejam produtos de alta qualidade a preços competitivos. ■

¹ Miranda, S.H.G. Quantificação dos Efeitos das Barreiras Não-Tarifárias sobre as Exportações Brasileiras de Carne Bovina, 2001.

* Graduada em Ciências Econômicas - ESALQ/USP.

E-mail: thazim@esalq.usp.br.

** Professora Doutora do Departamento de Economia, Administração e Sociologia - ESALQ/USP.

E-mail: smiranda@esalq.usp.br.

LEITE



O fundo do poço

Cristiane de Paula Turco (*)

Leonardo Alencar (**)

Alcides de Moura Torres Jr. (***)

O preço do leite mostra fraca reação nas principais bacias leiteiras do País, depois de sete meses seguidos de queda. O 'fundo do poço', com o pior preço médio da história, aconteceu em janeiro, quando foram pagos R\$ 0,421/litro, em valores atualizados pelo IGP-DI. Nem mesmo 2001, que registrou o pior valor médio anual da história, apresentou um valor tão baixo para o leite num mês.

Em fevereiro, o preço médio do litro de leite, referente à produção de janeiro, subiu cerca de 1,4%. Foram pagos R\$0,427/litro (preço bruto, com frete e impostos). Com exceção do Paraná, os cinco principais Estados produtores brasileiros apresentaram aumentos maiores que a média nacional.

Goiás, apesar do aumento pequeno, foi o único Estado da região Centro-Oeste cujos preços reagiram, principalmente, na região de Goiânia, onde a concorrência é maior. Vale lembrar que Goiás escoou a maior parte da sua produção para grandes centros consumidores, como São Paulo. Assim, a queda na oferta de leite na região e a maior procura paulista, possibilitaram o reajuste.

Já Mato Grosso do Sul está com o menor preço do leite do Brasil. Considerando valores brutos, o produtor sul mato-grossense recebeu R\$0,32/litro em fevereiro, cerca de 25% a menos do que a média nacional.

Em média, os preços subiram 23,8% ou R\$ 0,09/litro em fevereiro. Isso acontece quando as indústrias aumentam a necessidade de adquirir

leite entre elas (o chamado mercado spot). É o sinal evidente de que os preços pagos aos produtores devem aumentar. Um reflexo da queda da produção nacional de leite e do aumento nas vendas.

Em função da crise que o setor atravessa, a produção realmente diminuiu no final de 2005 e início de 2006. A volta às aulas é um dos motivos para aquecer a demanda. Outro ponto é que, em ano de eleições, o governo tende a aumentar os gastos com programas assistencialistas. Aí, está incluída uma maior distribuição de leite às crianças da rede pública de ensino e às famílias de baixa renda. O aumento no consumo e a queda na produção pressiona os preços para cima.

ATACADO E VAREJO

Além do aumento no preço médio do leite pago ao produtor, em fevereiro, o atacado também reagiu.